

FATORES PROSÓDICOS NA HIPOSEGMENTAÇÃO E IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS NO EFII: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PRELIMINAR

PROSODIC FACTORS IN HYPOSEGMENTATION AND IMPLICATIONS FOR STUDENTS' WRITTEN PRODUCTION IN EFII: A PRELIMINARY PEDAGOGICAL PROPOSAL

Alessandra Marques da Silva Fagundes¹, Livia Ferreira Alves da Silva², Aline Ponciano dos Santos Silvestre³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8938-8934>
alemarqfag@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8112-8094>
professora.livia.silv@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7019-1178>
aponcianossilvestre@letras.ufrj.br

Recebido em 06 jul. 2023

Aceito em 10 dez. 2023

Resumo: Este artigo objetiva analisar o fenômeno da hipossegmentação no que tange à reflexão sobre práticas pedagógicas que busquem compreender como dados produzidos por aprendizes refletem processos fonológicos. Para isso, partimos do pressuposto, com base em Bisol (2001), Silva (2011), Fiel e Tenani (2016, 2018) e Cunha e Miranda (2019), de que o trabalho com teorias fonológicas ajuda a compreender o porquê de o aluno escrever algumas palavras hipossegmentadas. Nesse sentido, o objetivo específico deste trabalho é realizar uma reflexão sobre casos de hipossegmentação na produção dos textos escritos de alunos do 6º ano do segundo segmento do Ensino Fundamental, refletir sobre os casos identificados e propor atividade pedagógica preliminar que busca auxiliar o aprendizado dos estudantes no que tange aos desvios de escrita. Foram analisados dados de hipossegmentação encontrados em 35 textos produzidos por estudantes de uma turma no ano de 2021. Além de critérios fonológicos já observados em outras pesquisas, em nosso estudo, fica também clara a importância da vivência escolar na fixação dos aprendizados. Acredita-se que a execução dos sete passos da atividade pedagógica proposta possa não só fazer com que os desvios da escrita sejam dirimidos com o tempo, mas também que faça com que o aluno reflita e reconheça o componente fonológico da gramática em sua fala/escrita.

Palavras-chave: Hipossegmentação. Fonologia. Proposta pedagógica.

Abstract: This article aims to analyze the phenomenon of hyposegmentation with regard to reflection on pedagogical practices that seek to understand how data produced by learners reflect phonological processes. To do this, we start from the assumption, based on Bisol (2001), Silva (2011), Fiel and Tenani (2016, 2018) and Cunha and Miranda (2019), that work with phonological theories helps to understand why the student write some hyposegmented words. In this sense, the specific objective of this work is to reflect on cases of hyposegmentation in the production of written texts by students in the 8th year of the second segment of Elementary School, reflect on the identified cases and propose a preliminary pedagogical activity that seeks to assist students' learning. Hyposegmentation data found in 35 texts produced by students in a class in 2021 were analyzed. In addition to phonological criteria already observed in other research, in our study, the importance of school experience in establishing learning is also clear. It is believed that the execution of the seven steps of the proposed

pedagogical activity can not only make writing deviations resolve over time, but also make the student reflect and recognize the phonological component of grammar in their speech/writing.

Keywords: Hypossegmentation; Phonology; Pedagogical proposal.

INTRODUÇÃO

A observação de alguns conceitos relativos à fonética acústica e à representação fonológica, atravessando a variabilidade segmental e a prosódica, suas implicações na escrita e seu desdobramento no ensino, foram fatores motivadores para este artigo, o qual objetiva analisar o fenômeno da hipossegmentação no que tange à reflexão sobre práticas pedagógicas que busquem compreender como dados produzidos por aprendizes refletem processos fonológicos. Além disso, partimos do pressuposto, com base em Fiel e Tenani (2016, 2018) e Cunha e Miranda (2019), de que o trabalho com teorias fonológicas ajuda a compreender o porquê de o aluno escrever algumas palavras hipossegmentadas. Nesse sentido, o presente artigo tem, como objetivo específico, fazer um levantamento dos casos de hipossegmentação na produção dos textos escritos de alunos do 8º ano do segundo segmento do Ensino Fundamental e refletir sobre os casos identificados. Para tanto, o enfoque teórico principal foi baseado em autores como Bisol (2001), Silva (2011), Cunha e Miranda (2019) e Fiel e Tenani (2016, 2018) para análise dos dados de hipossegmentação encontrados.

Dessa forma, este artigo está organizado da seguinte maneira: apresentamos, na seção *subsídios teóricos*, um breve panorama dos fundamentos teórico-metodológicos que embasaram esta pesquisa. Na seção subsequente, expomos os procedimentos metodológicos que visam a analisar as ocorrências de casos de hipossegmentação em textos de alunos do segundo segmento do ensino fundamental. Em seguida, faremos uma descrição e discussão de resultados de forma a apresentar, posteriormente, uma proposta pedagógica que viabilize um trabalho mais produtivo no tocante à construção da percepção fonológica dos alunos em relação aos casos identificados. Na sequência, avaliamos criticamente a experiência apresentada e, por fim, passamos às considerações finais.

SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Os modelos empregados para dar respaldo teórico-metodológico ao presente trabalho são os princípios da Fonologia, mais especificamente da Fonologia

Prosódica (Nespor e Vogel, 2007), presentes em outros estudos sobre o tema, como os de Bisol (2001), Silva (2011), Paranhos e Tenani (2011), Fiel e Tenani (2016, 2018) e Cunha e Miranda (2019).

Em introdução de artigo de 2011, Paranhos e Tenani fazem observações relativas a ocorrências de segmentações não convencionais realizadas por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II (doravante EFII). A partir desse aporte teórico, mais especificamente da tirinha, que abaixo reproduzimos, será iniciada a nossa reflexão:

Figura 1: “A Sina”



Fonte: Tenani e Paranhos (2011, p. 479)

Sobre a tirinha, autoras comentam que

O humor da tirinha acima é provocado, entre outros aspectos, pela interpretação “equivocada”, por uma das personagens, do enunciado “assina” como sendo “a sina”, ou seja, uma seqüência do artigo “a” e do substantivo “sina”, ao invés e “assina”, uma forma do verbo “assinar”. Nota-se que a sina da personagem que “se equivocou” inclui ser reprovado na segunda série do Ensino Fundamental aos 13 anos, o que sugere que tenha tido problemas de alfabetização, como o de segmentar as palavras conforme as convenções ortográficas; além de se inferir que não conhece certas práticas sociais relativas ao preenchimento de formulários – que, por exemplo, demandam informação sobre nome, endereço e assinatura. (Tenani e Paranhos (2011, p.478)

Parece-nos muito familiar, quando pensamos no contexto escolar, a cena descrita na tira, em que a semelhança fônica entre “a sina” e “assina” reflete a situação vivida pelo personagem fictício. No que diz respeito ao contexto apresentado, observamos que a sua repetição retrata casos da vida real de maneira que os casos de hipersegmentação e de hipossegmentação não são tão incomuns de forma a traduzirem determinados raciocínios sobre as fronteiras entre o fônico e a escrita. Neste estudo, especificamente, as autoras citam exemplos como “anoite”,

“perseguido” e “denovo” para hipossegmentação e “em bora”, “de pressa” e “a noiteceu” para hipersegmentação. Tenani e Paranhos (2011) afirmam, com base em Chacon (2004), Paula (2007) e Capristano (2004, 2007), que as séries iniciais, nas quais é realizada a aquisição da escrita, são de grande relevância para a observação dos fenômenos estudados, pois destacam fatores como a “reflexão da criança sobre a palavra e seus limites gráficos, a organização em constituintes prosódicos da língua, a circulação do escrevente por práticas orais/letradas, e a dimensão dos enunciados escritos” (p. 480).

Fica evidente a transposição natural do falado para o escrito sem que haja uma avaliação criteriosa do falante sobre relação entre a palavra fonológica e a palavra morfológica. Há, em Paula (2007, p. 31), inclusive, uma hipótese sobre o uso do pé binário trocaico por parte do falante no caso de hipossegmentação e no caso da hipersegmentação: a possibilidade desta segmentação refletir o “reconhecimento da palavra gramatical juntamente com uma tentativa de manter o padrão troque de acentuação, que consiste de uma sílaba forte (acentuada) seguida de uma fraca” (p.34), fatos comumente observados em crianças em fase de alfabetização.

Importa-nos falar desse momento da alfabetização porque foi a partir dele que se formaram nossos sujeitos elencados para o estudo: os alunos do segundo segmento do ensino fundamental. Apesar de muitos dos problemas apontados na alfabetização irem se resolvendo ao longo dos anos, alguns ainda permanecem e merecem ser estudados, em especial no EFII.

O estudo de Fiel e Tenani (2016) reuniu alunos com idades entre 11 e 16 anos para mostrar as características prosódicas dos textos com segmentação não convencional. As autoras defendem que “a cada momento em que é chamado a produzir um texto, o escrevente estabelece relação entre características prosódicas e letradas dos enunciados e é essa relação não dicotômica que identifica interferências da fala na escrita.” (Fiel e Tenani, 2016, p. 5)

Tal estudo é bastante robusto no que se refere à análise dos fenômenos de hipo e hipersegmentação, pois foram produzidos, inicialmente, 2495 textos a serem selecionados para a análise de dados. Muitos exemplos de textos são apresentados para exemplificação dos comentários que vão sendo feitos pelas autoras, comprovando a produtividade dos fenômenos em estudo.

Em trabalho posterior ao de 2016, Fiel e Tenani (2018) direcionam-se para a prosodização dos clíticos. Uma vez que clíticos fonológicos são formas que não têm

acento e, conseqüentemente, não são palavras prosódicas, tais palavras gramaticais são prosodizadas junto a um hospedeiro, uma palavra portadora de acento (cf. Fiel e Tenani 2018, p.28). De acordo com a observação das autoras, há uma preferência por colocar os clíticos à direita, como em ‘puraqui’ (‘por aqui’), porém há espaço para colocação do clítico após o hospedeiro, como em ‘tenque’ (‘tem que’). Em Bisol (2000), há um reforço do conceito que diferencia os afixos dos clíticos, como podemos observar no fragmento a seguir:

O ponto em questão é o fato de que prefixos sem autonomia não se confundem com os clíticos. Aqueles fazem parte da palavra fonológica, depois de terem sido anexados a uma base morfológica. Todos, sem exceção, integram a palavra fonológica que ajudam a construir. Clíticos anexam-se diretamente a uma palavra fonológica bem formada, sem integrá-la.

(...)

Enquanto os prefixos sempre integram a palavra fonológica, completando-a ou aumentando-a, embora, como vimos, alguns o façam tardiamente, os clíticos anexam-se a uma palavra fonológica pronta, sem integrá-la, emergindo daí o primeiro constituinte prosódico pós-lexical. O processo de integração que existe entre o prefixo e sua base não existe entre o clítico e seu hospedeiro, de modo que os membros que compõem essa unidade mantêm sua independência. Trata-se, independentemente do rótulo, grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical, do menor constituinte prosódico pós-lexical.

(Bisol, 2000 p. 16; p.19)

Os processos de segmentação não convencional (hiper e hipossegmentação) poderiam ser tratados como distúrbios de escrita, previstos nos primeiros anos da alfabetização. Porém, a persistência do problema ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental é um fator preocupante e, por vezes, é detectado por especialistas algum transtorno deficitário na aprendizagem, pois, ao estarem aptos para detectar o sistema letra-som, é esperado que aprendizes cometam cada vez menos desvios na escrita.

Ainda segundo Fiel e Tenani (2008), “ao escrever, o aluno, enquanto sujeito da linguagem, produz o que ele imagina ser o registro convencional dos enunciados, baseado em suas práticas orais/faladas e letradas/escritas” (p. 33) e, com isso, as autoras concluem que as características prosódicas reveladas no EFI, quando as crianças são alfabetizadas, permanecerão como “âncoras no processo de produção do EFII” (p.33). Isto porque todas as ligações epilinguísticas que o falante/escrevente fez nos seus primeiros contatos com a transposição da fala para a escrita, com erros segmentais ou não, irão perdurar ao longo dos anos, caso não sejam investigadas as causas e apontadas soluções para tal problema.

Em suma, reconhecemos, neste artigo, a problemática da escrita não convencional em registros escritos de alunos EFII. Para tanto, entendemos a

relevância de investigar tais registros de modo a compreender as evidências fonéticas para as segmentações não convencionais observadas em nosso público-alvo.

METODOLOGIA

Como mencionado introdutoriamente, nesta pesquisa, teremos como foco apenas os casos de hipossegmentação em que verbo e pronome são grafados juntos em posição enclítica.

A amostra é composta por textos de alunos do 8º ano do EFII, mais especificamente 35 produções textuais produzidas por 35 alunos no 2º semestre do ano letivo de 2021, na rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro. Para uma melhor caracterização da amostra de texto investigada, faz-se necessário explicitar que os textos foram coletados por meio de uma proposta pedagógica, a ser descrita na próxima seção, com base na percepção do professor-pesquisador que objetiva compreender melhor as segmentações não convencionais observadas nos registros escritos. Os textos analisados, portanto, foram produzidos de modo a realizar uma interface entre o viés teórico e a prática escolar, de maneira a fomentar um estreitamento entre a fundamentação teórica acumulada pelo professor-pesquisador e suas implicações no ensino.

Quanto às características de produção textual relevantes para os tópicos que nos interessam aqui abordar, cabe informar que a turma selecionada para esta pesquisa apresentava aproximadamente 45% de alunos sem qualquer contato com a escola ao longo do ano letivo de 2021, no que diz respeito principalmente à realização de atividades; 40% de alunos com contato efetivo com a escola, mesmo diante do contexto excepcional do ano letivo de 2021 em virtude da pandemia do novo coronavírus; e 25% de alunos com um contato não contínuo com a escola. Também importa mencionar que caracterizamos como contato efetivo com a escola o aluno que buscou, de alguma forma, realizar as atividades elaboradas pelo professor regente da turma ao longo do ano letivo.

O tema proposto para a produção escrita foi realizado a partir do trabalho com o conto *Maria*, de Conceição Evaristo. Ademais, todas as atividades desenvolvidas com a turma foram pautadas na interface entre o trabalho mais efetivo com o texto literário na educação básica (não sendo o escopo de trabalho para este artigo), mais

especificamente com EFII, e o trabalho com aspectos gramaticais atinentes à produção escrita, de modo a chamar atenção dos alunos no que tange aos “erros” produzidos por eles em seus textos, que subjazem a uma lógica não tácita a eles.

Para a fase de identificação dos casos de hipossegmentação, adotamos três critérios, a saber: (i) observar no grupo de alunos sem contato efetivo com a escola se esse distanciamento, proporcionado pela excepcionalidade do ano letivo de 2021, caracterizaria mais casos de escrita não convencional em suas produções textuais; (ii) comparar os espaços em branco entre as palavras ao longo do texto de todos os grupos elencados para essa pesquisa; (iii) fazer o levantamento dos casos mais recorrentes de hipossegmentação, de modo a fazer com que a proposta pedagógica, a ser descrita a seguir, possa fazer com que os alunos reflitam sobre os seus registros.

Atendendo a estes critérios descritos, chegamos a um total 30 ocorrências de escrita não convencional, dentre os 35 textos produzidos pela turma, sendo 05 ocorrências referentes à hipersegmentação (descartadas para esta pesquisa) e 25 ocorrências de hipossegmentação. Destas 25 ocorrências, 23 são de hipossegmentação entre verbo e pronome, 02 de hipossegmentação entre verbo e preposição.

Esses dados foram submetidos a uma análise qualitativa de forma a compreender o cenário geral, no que tange aos casos de hipossegmentação, da turma selecionada para aplicação da pesquisa, utilizando-se, portanto, de informações individuais dos registros coletados.

Em virtude de o maior número de ocorrências estar relacionado à prosodização dos clíticos aos verbos, optamos, então, por analisar e descrever apenas os dados de hipossegmentação em que a prosodização do clítico for à esquerda do hospedeiro, nesse caso, exatamente o verbo. Ademais, realizamos a análise prosódica desse contexto de maneira a considerar o número de sílabas e a localização do acento lexical da palavra. No tocante ao número de sílabas, a classificação dessas palavras seguiu a tradição gramatical, de modo a considerar a noção de dissílabos, trissílabos ou polissílabos. O estabelecimento dessa informação como critério de análise decorreu em virtude de viabilização da identificação das irregularidades no que se refere ao tamanho das palavras convencionais ou das pseudopalavras geradas a partir da hipossegmentação.

É oportuno pontuar que a atividade a ser escrita pelos alunos foi pensada para ser aplicada em 7 aulas de 50 minutos cada, não subsequentes, sendo, portanto, as atividades aplicadas uma vez por semana. Tal procedimento é relevante por entendermos haver a necessidade de um certo distanciamento¹ do texto entre uma aula e outra para que as reflexões necessárias aos objetivos pleiteados na atividade possam ocorrer.

DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta seção, conforme nosso objetivo, descrevemos apenas os casos de hipossegmentação em que a palavra prosódica é composta por verbo e clítico. Esse tipo de junção foi o mais recorrente nas produções analisadas. Segundo informamos, foram encontradas 23 ocorrências de hipossegmentação entre verbo e pronome. No quadro 1, apresentamos alguns exemplos registrados. É importante destacar que esses registros foram coletados logo após a segunda aula (do total de sete, com 50 minutos de duração, cada).

Quadro 1- Exemplos dos casos de hipossegmentações de verbo e pronome

8º ano	Exemplos
	reanimá-la > reanimala
	beijá-la > beijala
	ajudá-la > ajudala
	xingá-la > xingalo
	abraçá-la > abraçala
	vê-lo > velo
	abandoná-la > abandonala

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na tabela 1, apresentamos as ocorrências de hipossegmentação de verbo e pronome registradas nas produções textuais dos alunos, tomando como contexto a classificação dos alunos participantes nos três grupos previamente mencionados. O agrupamento realizado teve, como fator condicionante para a divisão dos discentes, o contato do aluno com o ambiente escolar até o momento em que o ensino na rede

¹ O embasamento para trilhar este percurso metodológico decorre dos postulados de Bajour (2012), pois a pesquisadora afirma não existir uma fórmula única para se penetrar nos textos. Dessa forma, para este trabalho, optamos por promover o distanciamento. Somado a isso, o distanciamento também se justifica em função de uma tentativa de melhor adequar o quadro de horário da turma participante e a efetivação da proposta.

municipal de ensino do Rio de Janeiro configurava-se apenas na modalidade remota.

Tabela 1 - Ocorrências de hipossegmentação na turma selecionada

Subdivisão da turma em grupos:	Nº de hipossegmentações
Alunos sem qualquer contato com a escola	17
Alunos com contato efetivo com a escola	0
Alunos com um contato não contínuo com a escola	6

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação ao tipo de junção exemplificada no quadro 1, verificamos que a maioria dos exemplos envolve verbos dissílabos e trissílabos aproximando-se de uma característica métrica do PB. Conforme Bisol (2004, p.62), “não existe um consenso entre os linguistas acerca do tamanho de uma palavra fonológica, havendo três possibilidades básicas igual ao elemento terminal de uma árvore sintática, maior ou menor que ele.” Mais adiante, a autora pontua duas características sobre a palavra fonológica/prosódica.

A palavra fonológica, de acordo com suas características, pode ser vista como (i) um expoente de proeminência relativa em virtude da relação sintagmática de seus membros. (ii) uma entidade rítmica em virtude da organização métrica, (iii) um domínio de regras. (Bisol, 2004, p. 66)

Booji (1983, p. 267) afirma que, geralmente, há uma correspondência entre a quantidade de sílabas e as palavras gramaticais e fonológicas, mas, em algumas situações, uma palavra gramatical corresponde a mais de uma palavra fonológica e vice-versa. E, se olharmos a palavra fonológica como unidade do nível lexical, Booji concatena o pensamento de Nespor e Vogel (2007): só há duas dimensões para o domínio de regras, mas, no pós-léxico, a isomorfia da palavra deixa de ser fator preponderante e assim podemos considerar o fenômeno da ressilabificação.

Conforme Bisol (2004), considerando que “as vogais idênticas degeminam e a consoante flutuante torna-se o ataque inicial da palavra seguinte, aumentando-a” (Bisol, 2004, p. 68), nas elisões vocálicas a coda da sílaba final passa ser o ataque da sílaba inicial da palavra seguinte. Tal processo permite uma ampliação do vocábulo, sem perda de conteúdo semântico como as exemplificadas no quadro 1.

Os resultados na tabela 1 mostram que o vínculo com a instituição escolar teve um efeito positivo no aprendizado de regras de segmentação de palavras. Notadamente, os registros de hipossegmentação concentram-se nas produções de alunos em que a escolarização não pôde ser realizada de forma adequada ao longo do ano letivo de 2021, o que coaduna com os estudos de Fiel e Tenani (2018) no tocante ao processo de escolarização permitir um aprendizado, de certa forma mais efetivo, sobre as regras de segmentação de palavras.

Refletindo sobre algumas características linguísticas das ocorrências analisadas, temos, com Fiel e Tenani (2008), a interpretação de que o que possivelmente estaria motivando a interpretação do aluno a grafar o clítico junto ao hospedeiro se ancora no modelo “T” da gramática gerativa. Tal modelo, discutido em Nespor e Vogel (2007, p. 22), afirma que “há uma posição paralela à do componente fonológico em relação à estrutura do sintagma” e tal proposição refere-se ao princípio 4 da chamada Geometria de Traços², a saber: “a relação de proeminência relativa definida para nós ‘irmãos’³ é de modo que um nó recebe o valor forte (s) e a todos os outros nós são atribuídos o valor fraco (w)” (Nespor e Vogel, 2007, p.7). assim, como os clíticos são palavras gramaticais não acentuadas, prosodicamente juntam-se ao hospedeiro e fazem parte de um mesmo sintagma (sintático e fonológico).

PROPOSTA PEDAGÓGICA

Pensar sobre o que motivou o aluno a produzir uma determinada construção é uma prática relevante no ensino. Essa linha de trabalho vincula-se aos pressupostos de uma gramática reflexiva em sala de aula. Em outros termos, objetiva-se privilegiar os efeitos de sentido dos fatos linguísticos com o intuito de que o aluno seja levado ao entendimento e a compreensão de suas escolhas, em consequência disso, o aluno vai ampliando a sua competência discursiva. Nesse sentido, a proposta a ser descrita objetiva direcionar o fazer pedagógico a práticas

² A geometria de traços “ estuda e formaliza as unidades mínimas que integram a estrutura interna dos segmentos” (Matzenauer; Miranda; 2017).

³ Assim são denominados os nós de mesma hierarquia. Deste modo, no que concerne ao vocábulo ‘amigo’, por exemplo, dentre os nós silábicos, teríamos o da sílaba ‘mi’, ao qual é atribuído um valor forte (strong - s), e os nós das sílabas ‘a’ e ‘g’, aos quais são atribuídos um valor fraco (weak - w).

que estimulem o aluno a criar sua percepção fonológica, de modo a realizar e desfazer hipóteses sobre a escrita dos vocábulos.

Os alunos do ensino fundamental, sobretudo os do 6º ano, que constituíram o público para a aplicação desta experiência, foram selecionados por observarmos que, mesmo com a chegada a esse ano de escolaridade, algumas questões relativas ao processo de alfabetização e letramento ainda não se encontravam plenamente resolvidas, porém é importante pontuar que o número de produções pode ser considerado exíguo em relação ao fenômeno em foco.

Para o melhor entendimento do que realizamos, passaremos a descrever sucintamente todas as etapas da atividade, para que possamos tecer os merecidos comentários críticos em relação a esta experiência preliminar em sala de aula.

A primeira aula dessa atividade desenvolveu-se com a leitura do conto *Maria de Conceição* Evaristo. A escolha desse conto decorreu do fato de o professor regente tê-lo, à época, em versão pdf, de modo a disponibilizar o arquivo para os alunos via a rede social (*whatsapp*), devido à escola não ter exemplares suficientes da obra para cada aluno, bem como o pleno funcionamento na máquina de xérox. No entanto, para os alunos que não possuíam aparelho telefônico, foram disponibilizadas cópias impressas. Neste primeiro momento, debruçamo-nos apenas na leitura do conto, feita exclusivamente pelo professor, e em comentários gerais dos alunos relativos à sua opinião sobre a experiência de leitura do conto.

Na segunda aula, alguns aspectos gerais do conto foram retomados e solicitamos, oralmente, que os alunos respondessem em uma folha de seus cadernos aos seguintes questionamentos:

- 1 *Resuma, em poucas palavras, a cena mais marcante para você no conto;*
- 2 *Para você, a violência é algo a que nos acostumamos?*
- 3 *Faça um pequeno comentário sobre esse assunto: se você pudesse atribuir um outro final a essa história, como seria?*

Assim que os alunos foram finalizando suas respostas, o professor solicitou que os alunos as entregassem. A coleta do material, neste momento, objetivava a realização de uma primeira diagnose no tocante à coleta dos casos de hipossegmentação e hipersegmentação dos alunos, não havendo, então, nenhuma correção no texto do estudante se algum caso fosse identificado.

Para a terceira aula, planejamos tanto a releitura do conto bem como novos questionamentos sobre o texto. A releitura configurou-se da seguinte maneira: a organização dos alunos em roda; a verificação se todos estavam de posse do texto; e a explicação da dinâmica da leitura (cada aluno deveria ler um parágrafo do conto). Após a releitura, foram devolvidas as folhas com as respostas do primeiro questionamento para que novas questões gerais sobre o conto pudessem ser respondidas neste mesmo espaço. Em relação às perguntas, pedimos que os alunos comentassem sobre as atitudes de Maria, personagem principal, do pai do filho mais velho de Maria, dos passageiros e do motorista. Novamente, a partir dessas respostas dadas, uma nova diagnose, no tocante aos casos de hipossegmentação, foram analisados.

De posse desses dados, a quarta aula foi planejada de forma que tivesse como objetivo a realização de um ditado interativo, tendo como temática as ideias discutidas nas aulas anteriores e, como material linguístico, determinados casos de hipossegmentação e hipersegmentação detectados nas duas diagnoses. É oportuno ressaltar que o ditado interativo foi realizado na mesma folha em que foram feitos os questionamentos da segunda e terceira aulas.

Para a quinta aula, foi preparada a entrega da folha em que o ditado havia sido realizado e a sua correção. No que concerne especificamente à correção, entendemos que a escrita da resposta no quadro fosse o adequado, de modo que, a cada caso de hipossegmentação ou hipersegmentação, o professor levantasse com os alunos as hipóteses para escrita de cada desvio, a fim de que o aluno iniciasse sua percepção crítica em relação às suas escolhas.

Na sexta aula, o professor visou à sistematização das informações trabalhadas nos aspectos relativos ao gênero conto e aos aspectos linguísticos relativos à hipossegmentação e à hipersegmentação.

Para a última aula, foi requisitada aos alunos a elaboração de uma produção textual, cujo tema seria a construção de um novo final para o conto, de modo a perceber se houve alguma diminuição dos casos de hipossegmentação.

Sintetizamos, no quadro a seguir, as etapas da proposta pedagógica elaborada:

Quadro 2- Quadro resumitivo da proposta pedagógica

Aula	Síntese do planejamento por aulas da proposta pedagógica
Aula 1	Leitura do conto <i>Maria</i> de Conceição Evaristo.

Aula 2	Resposta aos questionamentos gerais do texto de modo a configurar uma diagnose da turma em relação à hipossegmentação - diagnose inicial
Aula 3	Releitura do conto e novos questionamentos gerais do texto de modo a ter mais dados em relação à hipossegmentação - diagnose inicial
Aula 4	Ditado interativo de modo trabalhar os casos de hipossegmentação registrados na turma
Aula 5	Entrega da folha de produção textual dos alunos para correção e discussão dos casos de hipossegmentação
Aula 6	Sistematização das informações trabalhadas
Aula 7	Produção textual - diagnose final

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se, a partir do quadro-resumitivo da aplicação da proposta didática, que o aluno foi levado a construir suas hipóteses sobre os seus erros e dos produzidos pela turma e a aventar como sua competência discursiva poderia ser aprimorada a partir das reflexões levantadas em especial a partir da Aula 5. Tal procedimento dialoga com os pressupostos de uma gramática reflexiva, pois o aluno foi “convidado” no espaço da sala de aula a pensar e repensar sobre sua linguagem em uso.

Consideramos que a proposta pedagógica, parcialmente aplicada, é a possibilidade de viabilizarmos um ensino mais crítico em relação à operacionalização de determinados assuntos, normalmente só discutidos em cursos de graduação e pós, com pouca aplicação didática para professores não iniciados em fonética e fonologia. Assim, pode-se aprimorar o domínio do componente linguístico fonológico por parte do aluno.

APRECIÇÃO CRÍTICA

A atividade foi aplicada parcialmente, mais especificamente, até a segunda aula, na turma selecionada para esta pesquisa, de modo a não termos todos os dados para sabermos se a proposta pensada de fato poderia contribuir para diminuição dos casos de hipossegmentação em alunos do segundo segmento do ensino fundamental, configurando, então, uma experiência inicial incipiente. Em contrapartida, a não aplicação da proposta em sua integralidade não inviabilizou a coleta de ocorrências no que se refere aos casos de hipossegmentação. Em consequência disso, também sinalizou para o professor-pesquisador algumas dificuldades da turma no tocante à grafia e ao uso do hífen em contextos de uso do

verbo e pronome. Essa diagnose inicial, de certa forma, contribuiu para a reformulação dos próximos passos da proposta pedagógica, de forma compreender melhor os pontos a serem mais bem explicitados com a turma em questão.

Para bem avaliar a empreitada ora em debate, é preciso atentar para as condições oferecidas e exigidas em cada contexto escolar, de modo que cabe ao professor avaliar e adaptar o que até aqui foi sugerido, como, por exemplo, entender que 50 minutos não sejam o tempo ideal para desenvolvimento de cada aula.

Creemos, de modo geral, que a proposta preliminar aqui descrita pode contribuir e servir de base, no âmbito pedagógico, para elaboração de materiais que ampliem o repertório linguístico para além da noção de erro, como também para o desenvolvimento da consciência fonológica do aluno em sua reflexão sobre o processo de escrita por ele desenvolvido. Objetivamos a feitura de um trabalho de interface com o ensino, mais significativo com o tema da hipossegmentação, a partir de noções da fonologia prosódica, de forma a estreitar laços entre o âmbito teórico-descritivo e o pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou não só uma análise, como também uma reflexão mais profunda da importância de um olhar mais atento perante as inadequações dos educandos. Ao redigir uma palavra, uma frase ou um texto, o aluno atribui um acúmulo de diversos conhecimentos, tais como o conhecimento linguístico internalizado, a vivência em determinado grupo social, a variação linguística da região em que ele está inserido e o reflexo da oralidade na escrita. Todos esses fatores são refletidos na escrita das palavras.

O que chamamos "inadequações"/ erros de escrita é derivado das adaptações feitas pelo falante/escrevente dos constituintes prosódicos da língua entre as práticas orais e escritas. Importante ressaltar que o padrão troquei de acentuação fonológica e a prosodização dos clíticos junto aos hospedeiros verbais, conforme proposto pela Fonologia na Geometria de Traços, são fatores importantes a se elencar para o entendimento desses resultados.

Além disso, a constatação de um resultado positivo do contato do discente com o ambiente escolar nos faz entender o quão importante é o envolvimento nas

atividades escolares para o bom desenvolvimento do estudante, tornando as inadequações/erros muito menos frequentes.

No entanto, não nos restam dúvidas de que não foi possível esgotar todas as apreciações concernentes ao tema da hipossegmentação de palavras, seja no âmbito teórico bem como no pedagógico. Finalizamos este artigo apontando para a necessidade de estreitarmos a investigação do fenômeno em estudo e sua interface com o ensino, mais especificamente com a educação básica, de maneira que o processo de hipossegmentação não configure em contexto escolar como uma segmentação não convencional sem qualquer lógica de realização.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, C. ***Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura.*** São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BISOL, L. ***O clítico e seu status prosódico.*** Revista de Estudos da Linguagem. 2000.

BISOL, L. (org). ***Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.*** 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BISOL, L. ***Mattoso Câmara Júnior e a Palavra prosódica.*** Revista Delta 20. Especial PUC-RS. Porto Alegre, 2004, p-59-70.

BOOJI, G. *Principals and parameters in prosodic phonology.* **Linguistics**, 21: 249-280.

CUNHA, A. P. N.; MIRANDA, A. R. M. *Segmentações não convencionais da escrita inicial: convergências do processo em diferentes línguas.* **ReVEL**. vol. 17, n. 33, 2019.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. ***Psicogênese da Língua Escrita.*** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FIEL, R.; TENANI, L. E. *Hipersegmentação de palavras em textos do EFII: Características Prosódicas Gerais.* **Linguasagem**, São Carlos, v. 26 (2): 2016. Disponível em: <https://linguasagem.ufscar.br>. Acesso em: 10/10/2021

FIEL, R.; TENANI, L. E. *Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hipossegmentações.* **Filologia e Linguística Portuguesa**, 20 (Especial), 27-45, 2018.

MEDEIROS, MM. V. S.; SANTOS, M. M. ***Produção textual e desvios ortográficos na escrita de alunos do Ensino Fundamental II: algumas reflexões.*** In: XVII

Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina. João Pessoa, 2014.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology: with a new foreword**. 2nd ed. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2007[1986].

OLIVEIRA, M. A.; NASCIMENTO, M. **Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita**. *Educ. Rev*, n.12 Belo Horizonte, dez. 1990.

PAULA, I.F.V. **Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas São José do Rio Preto: [s.n.],2007.

SILVA, F. M. *Processos fonológicos segmentais na Língua Portuguesa*. *Littera Online*, n. 4. 2011.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

TENANI, L. E.; PARANHOS, F. C. **Análise prosódica de Segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental**. *Filol. linguíst. port.*, n. 13(2), p. 477-504, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 10 out. 2021.

Sobre as autoras

Alessandra Marques da Silva Fagundes

Graduada em Letras-Português/Inglês pela UCB, Pós-graduada em Leitura e Produção Textual pela UFRRJ, Mestre em Letras pela mesma instituição e doutoranda pela UFRJ em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa. Professora das redes privada, estadual e do município de Seropédica/RJ, há mais de 15 anos. Participante do projeto Pró-Norma Plural orientado pela Profª Drª Sílvia Rodrigues Vieira, contribuindo com estudos acerca do uso dos verbos ter e haver em seu caráter existencial em textos da esfera jornalística.

Livia Ferreira Alves da Silva

É doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas na UFRJ. É mestra em Linguagens pelo Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Polo UFRJ. É especialista em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português – Instituto de Língua Portuguesa. É licenciada e bacharel em Letras, habilitação Português- Literaturas pela UFRJ. É professora da rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro – SME-RJ. Desenvolve pesquisas na área de Sociolinguística com ênfase nas expressões de futuridade no PB e no ensino de gramática em três eixos.

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Professora Adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando nos cursos de graduação em Letras e na Pós-Graduação em letras Vernáculas, atuando principalmente nos seguintes temas: Fonologia, Prosódia e Sintaxe. Possui graduação em Letras (Português-Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010), mestrado (2012) e doutorado (2017) em Língua Portuguesa, também concluídos na UFRJ, com período de doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa. Trabalhou como professora de ensino fundamental no município de Belford Roxo (RJ) e como professora do magistério Superior na Escola Naval.